

SURGIMENTO E CRÍTICA DO USO DO TERMO 'MODA' EM TEXTOS ESPAÑHÓIS DO SÉCULO XVIII.

EMERGENCE AND CRITICISM OF THE TERM 'MODA' IN USE IN 18th CENTURY SPANISH TEXTS.

Márcia Rejane de Oliveira¹

Resumo: O século XVIII ficou conhecido como o 'Século das Luzes', em que a França passou a ser o país mais rico e desenvolvido do mundo. A França começou também a ditar modas e a própria palavra 'moda' surgiu neste mesmo século, passando a ser um neologismo de origem francesa bastante criticado e difamado na Espanha castiça e saudosa dos Séculos de Ouro. Este artigo tem o objetivo maior de mostrar como o termo 'moda' era mostrado em textos literários da Espanha, onde através da sátira os escritores do momento não hesitaram em criticar o seu uso em território espanhol. Segundo Martín Gaité (1972), as mudanças linguísticas surgidas no século XVIII, entre elas o aparecimento destes neologismos, refletiam o fenômeno histórico-cultural da divisão em dois grupos de literatos, em que por um lado estavam os mais progressistas e por outro os mais conservadores. Neste aspecto, nosso trabalho contempla a questão do discurso ideologicamente formado por uma sociedade moralmente decadente e economicamente falida na Espanha do século XVIII. Através de um trabalho documental e descritivo, vamos mostrando citações literárias encontradas em livros originais e manuscritos da época, comentando e detalhando este contexto histórico para um melhor entendimento. Como conclusão, veremos que o termo 'moda' e sua variante 'modista' foram vistos em uma quantidade significativa de documentos literários em um momento complexo e considerado pelos espanhóis mais tradicionalistas como decadente tanto no quesito moral como cultural.

Palavras-chave: Neologismo. Literatura Espanhola. Século 18.

Abstract: The 18th century is known as the Age of Enlightenment, the century in which France became the richest and most developed country in the world. France also began to dictate fashions and the word 'fashion' itself emerged in this same century, becoming a neologism of French origin widely criticized and defamed in chaste Spain, nostalgic for the Golden Age. This article mainly aims to show how the term 'fashion' was shown in literary texts in Spain, where through satire the writers of the time did not hesitate to criticize its use in Spanish territory. According to Martín Gaité (1972), the linguistic changes that emerged in the 18th century, including the appearance of these neologisms, reflected the historical-cultural phenomenon of the division into two groups of literati, where on the one hand there were the most progressive and on the other the most conservative. In this aspect, we see that the neologisms that emerged were related to the discourse ideologically formed by a morally decadent and economically bankrupt society in 18th century Spain. Through documentary and descriptive work, we show literary quotations found in original books and manuscripts of the time, commenting and detailing the historical context for a better understanding. In conclusion, we will see that the term 'fashion' and its variant 'fashion' were seen in many literary documents at a complex moment and considered by the most traditionalist Spaniards as decadent in both moral and cultural terms.

Keywords: Neologism. Spanish Literature. 18th century.

¹ Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
Email: marcia.oliveira.l@ufrn.br
Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/6404454234091077>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0075-1640>

Introdução

Resulta curioso que uma palavra que hoje é comum em quase todos os idiomas de origem latina tenha causado furor em uma grande quantidade de escritos literários de gêneros diversos no século XVIII na Espanha. O termo em questão é *Moda* - idêntico em significado e escrita ao seu homônimo na língua portuguesa.

Segundo Álvarez Miranda (1992), a primeira vez que o termo foi documentado em língua espanhola data de 1641, em uma obra chamada *El Diablo Cojuelo*, de um autor chamado Velez Guevara. Não foram muitas as aparições do termo até o final deste mesmo século, deixando a explosão e citação dele no século seguinte, quando passou a surgir em centenas (ou talvez milhares) de textos de diversos autores espanhóis que não estavam muito contentes com o uso daquele neologismo de origem francesa em solo espanhol.

A Espanha passava por um momento muito turbulento nas esferas política, social e econômica durante todo o século XVIII e não foi diferente também no que se refere à esfera linguística. França era o país que dominava o mundo culturalmente com suas modas no vestir, no andar e no falar. Surgiu como consequência disto um grupo bastante conservador que o que mais desejava era enaltecer o período literário e cultural da Espanha dos séculos XVI e XVII, conhecidos como a *Época de Ouro Espanhola*.

Este mesmo grupo não se conformava com a decadência cultural espanhola frente ao mundo e não foram poucas às vezes que trabalharam no intuito de promover uma língua “pura e limpa”, abominando e rejeitando os termos franceses que inundavam por aquele momento na corte espanhola.

Tão forte foi a preocupação e pressão de frear a chegada destes neologismos franceses que foi criada neste mesmo século o que hoje conhecemos como a *Real Academia Española*. Neste mesmo século, também surgiram os primeiros dicionários monolíngues espanhóis, entre eles o *Diccionario de Autoridades*, promovido pela recém fundada *Real Academia Española*.² Portanto o que pretendemos mostrar neste texto são alguns aspectos relacionados com o surgimento do termo *moda*:

² A *Real Academia Española* foi fundada em 1713 enquanto o *Diccionario de Autoridades* foi produzido entre os anos de 1726 a 1739.

1. Mostrar citações das muitas encontradas em livros da época.
2. Destacar brevemente o contexto em que o termo moda surgiu, mostrando algumas informações importantes desde o ponto de vista histórico e social
3. Expor através das citações de autores da época os gêneros textuais mais difundidos naquela centúria em que pudemos encontrar o termo ‘moda’ sendo amplamente criticado.
4. Mostrar como o termo ‘moda’ foi manifestado através da sátira, gênero textual muito usual no século XVIII.
5. Destacar a evolução do termo durante o século e mostrar qual variante dele surgiu na mesma época.
6. Expor alguns dos nomes de autores críticos das modas e literários importantes daquela centúria.

Este artigo resulta de uma pesquisa realizada com livros, folhetos, revistas originais do século XVII, XVIII e XIX na *Biblioteca Nacional de España*, situada em Madri. Foram anos de leitura e buscas por termos usados como neologismos na corte espanhola de todo o século XVIII. Este trabalho mostra, portanto, citações e comentários de uma pesquisa documental, onde através de diversos gêneros textuais escritos (peças de teatro como sonetos, textos jornalísticos etc.) mostramos que o termo moda e sua variante modista eram mostrados quase sempre em um contexto satírico.

Explicaremos brevemente o contexto histórico ao qual ambos os termos estavam sendo usados pela primeira vez, além de mostrar como foram evoluindo de significado e principalmente suas documentações em livros de diversos gêneros e dicionários da época. Foi muito importante, vale frisar, a descoberta do livro *Usos Amorosos del siglo dieciocho en España* (1972), onde através dele pudemos ter conhecimento sobre a chegada de alguns neologismos em território espanhol neste século tão conturbado e curiosamente tão pouco explorado por pesquisadores hispanistas (se comparado aos séculos de Ouro e ao Século XIX). Este livro foi a tese doutoral, logo publicada como livro, da famosa escritora Carmen Martín Gaité.

Vale salientar também que o respectivo trabalho se vincula estreitamente com a linha de pesquisa a qual corresponde a Revista Saridh, que é a de Linguagem e Discurso. O estudo da linguagem em conjunto com a história e a sociedade nos faz compreender o processo discursivo de uma época, que no caso deste artigo, se trata do século XVIII espanhol. Neste discurso, palavras surgiram em um contexto histórico de decadência financeira e moral de uma sociedade espanhola ideologicamente formada.

Mostraremos algumas citações do termo moda em textos diversos da primeira metade do século e logo na segunda metade, quando passou a se tornar mais usual e forte. Cabe informar que as citações mostradas neste artigo mostram o espanhol em seu formato exibido nas obras originais e, que, por uma questão de opção metodológica, não foram feitas traduções e nem adequações ao espanhol em sua versão contemporânea.

1 Primeira metade do século XVIII

Segundo nossa pesquisa, a primeira citação que surge com o termo moda no século XVIII é da autoria de Francisco Calderón Altamirano, que em sua obra intitulada *Opúsculos de oro, virtudes morales y christianas* (1707), faz um comentário bastante pessoal sobre o termo, relacionando ele a características demoníacas e homofóbicas:

Son tales vestidos arrèos del demônio, porque se cortan sin la medida del justo. Sobre todo la novedad de trages, que induce la insolencia, que no traem limpeza sino para la bolsa. Notad que esta insolencia la llaman moda: en el mismo nombre se explica la inconstancia. No es modo, sino moda, porque lo afeminado pide locucion feminina. No es modo, sino moda, y aun se llama con sobrada decencia (Chaves, 1707, p. 292).

Não foram poucos os textos de religiosos que assim como o autor Calderón Altamirano Chaves proclamavam a moda como algo demoníaco e afeminado durante todo o século. Calderón Altamirano Chaves e outro escritor chamado Padre Feijóo foram dos escritores mais conservadores e religiosos que escreveram sobre a moda desde um ponto de vista negativo. A Espanha tradicional, bastante apegada ainda ao catolicismo e costumes religiosos, não estava tão preparada e aberta para o uso de novas modas que surgiam como novidade e propagavam certa liberdade no vestir de homens e mulheres.

As modas francesas que surgiram naquele momento trouxeram consigo mudanças nos hábitos também dos cidadãos. Houve, por exemplo, a moda do *cortejo*, onde uma mulher casada podia sair acompanhada de um homem que não fosse o seu marido. Esta moda do acompanhante, em um primeiro momento chamado *chichisveo* e logo *cortejo*, passou a ser algo muito criticado também pelos mais conservadores, que viam aqueles homens seguidores da moda como seres afeminados.

Respeito às vestimentas masculinas, a moda francesa exigia que os homens portassem calças apertadas, perucas, jaquetas e coletes ajustados (chamadas no espanhol do momento de *casaca* e *chupa*). Se apresentar com este tipo de vestimenta era um dos requisitos principais para ser um bom cortejante de uma dama. Os valores da Igreja também mudaram e passaram a ficar em um segundo plano para os habitantes da corte espanhola mais modernos, que viam em todas estas novidades uma forma de ascender e viver mais intensa a vida social espanhola.

Embora resulte curioso, o autor que mais escreveu sobre a moda nesta primeira metade do século parecia não ignorar e até nutria certa simpatia com algumas novidades oriundas da França. Em uma das suas obras mais polêmicas, o padre Feijóo dedicou um capítulo inteiro ao movimento e conceito do termo ‘Moda’. Em seu *Teatro crítico universal*, ele chegou a citar: “*Siempre la moda fue de la moda. Quiero decir, que siempre el Mundo fue inclinado a los nuevos usos.*” (Feijoo, 1729, p. 139).

A simpatia de Feijóo pela França, e em especial ao seu idioma, era algo conhecido no ambiente literário da época e devido a estes ensaios onde expunha toda a sua admiração pela cultura e moda francesa ele sofreu muitos insultos de outros espanhóis mais conservadores que o acusavam de ‘galicista’. De todos os modos, embora Feijoo fosse um simpatizante da cultura francesa, ele não gostava do exagero de alguns cidadãos em exaltar a moda francesa em detrimento da moda espanhola.

Portanto, no mesmo ensaio, ele critica o quão extravagante havia se tornado as modas no seu país, não se dando por satisfeito de que o termo moda não se reduzisse apenas às vestimentas, mas também aos costumes gerais da sociedade espanhola, como a moda de andar, falar, comer e conversar ao modo francês. Em algum momento do texto, ele passa a

considerar a moda como tirania ou enfermidade quando estas eram levadas ao extremo e chegavam ao plano religioso:

Acabo de decir, que la mayor tiranía de la moda es haverse introducido em los Términos de la naturaleza; y yá hallo motivo para retratarme. No esso lo más, sino que extendió su jurisdicción al imperio de la Gracia. La devoción es una de las cosas que más entra la Moda. Hai oraciones de la Moda, libros espirituales de la Moda, exercicios de la Moda, y aun hay, para la invocacion, Santos de la moda. Verdaderamente, que es moda la más contagiosa de todas las enfermedades porque a todo se pega. (Feijoo, 1729, p. 147).

2 Segunda metade do século XVIII

Clavijo y Fajardo, que foi um dos primeiros jornalistas da Espanha, começou a segunda metade do século usando ainda de um tom mais severo e sério nas palavras para criticar as modas oriundas da França em seu livro *Tribunal de las Damas* de 1755:

Que sin embargo de la buena armonía, paz, quietud, em que se ha mantenido en el país, se ha introducido en él, una extranjería llamada Moda, cuyos padres, aunque al principio se creó ser el bien parecer, y la novedad, naturales de todo el mundo, se ha descubierto, poco ha son obscenidade, y el descaro oriundos del infierno (Fajardo, 1755, p. 4).

63

Esse mesmo autor, que se autodenominava *El Pensador*, escreveu nada menos que seis *tomos* com vários ensaios em uma única coleção.- também chamada *El Pensador* - sobre os costumes, modas e novidades daquele momento. Sua é também a obra titulada *Pragmática del zelo y Desagravio de las Damas*, também de 1755. Em toda a sua obra, vemos o discurso de um homem conservador inconformado com a avalanche de novos costumes franceses que surgiam a cada momento em território espanhol:

Respecto constar de diferentes informaciones que la enemiga moda ocultó su nombre próprio, que es Torpeza, y no ser justo quede sin castigo su engaño, mandamos, usando de clemencia, se la den doscientos azotes de desprecios, irrisiones, y burlas por las calles. (Fajardo, 1755, p. 29).

Ao contrário da primeira metade do século, onde a palavra moda apareceu em textos críticos de tonalidade séria, na segunda metade os autores da época preferiram usar um discurso burlesco para fazer chacota com o termo. O famoso produtor de sainetes Ramón de la Cruz foi um dos que mais reproduziu o termo neste tipo de texto cômico. Na sua obra intitulada *La tertulia de Moda* (1775), Ramón de la Cruz nos mostra uma personagem denominada “Modista”, que como características principais tinha a de produzir e vender roupas. A “Modista” de Ramón de la Cruz é uma senhora que porta em uma caixa todos os utensílios do seu trabalho (*herraduras para el cuello, cabriolès, respetuosas, caídas, pulseras, pañuelos de Marli* etc) e é confrontada pelo personagem antagonista “*Desengaño*”, quem é médico e critica a superficialidade do trabalho e dos altos preços dos produtos comercializados pela Modista.

Mostramos aqui uma fala do Personagem “*Desengaño*”, que em um determinado momento opina sobre o fato da moda ser uma ‘doença incurável’:

- aunque conmigo nadie se ha curado, porque soy médico de las costumbres y como estas no causan pesadumbres pues todos creen buenas las que tienen es rara vez la que a buscarme vienen.- que males cura?- cierta apoplejía, males de moda, petimetrería, lo histérico y lo crítico importuno. (Cruz, 1755, manuscrito).

64

Este tipo de alegorias mostradas em sainetes, peças teatrais bastante populares no século XVIII, foi bastante comum em textos da época. Neles, a moda era representada por um ser humano, com a presença de outros seres alegóricos, sendo secundários ou antagônicos. Em uma destas obras, chamada ‘*El tribunal de la moda*’ (1762), vemos uma sátira de uma intenção bem burlesca e cômica em que a personagem principal, chamada Mariana, sofre de uma doença ou surto ao qual ela mesma se considera a própria moda, conforme relata o seu marido: “Se puso a andar discurrendo en Modas y pataratas, de tal suerte ha enloquecido que ella misma se llama moda, y dice que es Reyna, que a todo el mundo avasalla”. (Bazo, 1762).

O marido de Mariana, quem por nome é chamado de López García, não deixa de se representar como vítima, já que ele tem de aceitar as extravagâncias da sua mulher, que passa

a lhe chamar de ‘Capricho’ - outro neologismo muito usado e criticado naquela Espanha do século XVIII.

Eres un gran papanatas altivillo, y caprichoso. Sabe que ya no te llamas de aquí adelante García. Pues importa a la Mariana que sea tu nombre capricho, pues contigo estoy casada. Y siendo la moda yo es precisa circunstancia que sea mi esposo el capricho. (Bazo, 1762, manuscrito).

Assim como *El Tribunal de la Moda*, outras obras seguiam com o mesmo estilo de representar a moda como alegoria naquele século: *Virtud al uso y Mística a la moda*, *El Filósofo a la moda*, *La Razón contra la moda*, *El Despertador a la Moda*, *El hospital de la moda*, etc. Outro ponto interessante para entender melhor este contexto histórico é o de mostrar a fragilidade masculina que aparecem nesses textos.

Na obra *El Tribunal de la Moda* (1762) e nas demais que seguiam o seu mesmo estilo de sátira, mostram que o século XVIII foi de exaltação do papel das mulheres na sociedade, diferente de séculos anteriores em que elas eram submissas aos seus esposos. O cortejo como movimento social amoroso da época (ou *chichisveo* como foi chamado no princípio), foi um exemplo de liberdade feminina onde a mulher tinha o livre arbítrio de sair sem a presença do seu esposo e de se vestir como quisesse para ter um amante com quem pudesse bajulá-la e realizar todos os seus desejos.

A literatura da época mostra então a figura masculina fragilizada e ridicularizada, onde o homem deixa de ser o sexo opressor para ser a de vítima dos caprichos das mulheres. Além desta imagem de vítima, havia também a de afeminado quando os homens se colocavam no papel de *petimetres* ou *cortejos*. Iza Zamácola (1796) foi um dos autores que soube reproduzir com perfeito sarcasmo e burla esta ‘degradação’ do homem do século XVIII, que passava a ser chamado de *currutaco* e não mais *petimetre* no final do século.³

E falando em feminismo, surgiu nesta segunda metade do século XVIII também uma escritora crítica destas modas e novidades que vinham da França. Ela se chamava Beatriz Cienfuegos e se denominava como *La Pensadora Gaditana*. Beatriz Cienfuegos, assim como Padre Feijóo na primeira metade do século, hesitava em seus escritos entre defender o novo

³ IZA ZAMÁCOLA, Juan Antonio. Elementos de la Ciencia Contradanzaria para que los Currutacos, Pirracas, y Madamitas del Nuevo Cuño puedan aprender por principios á baylar las contradanzas. Madrid: Imprenta de Fermín Villalpando, 1795.

movimento chamado *Moda* e criticá-lo desde uma forma dura e implacável. Ao parecer, ela como pessoa moderna e progressista como queria se mostrar defendia a ‘Moda’ no sentido da necessidade de o homem mudar as vestimentas de acordo com o surgimento de novidades, mas não à adesão das modas oriundas exclusivamente da França.

No tomo III da sua obra *La Pensadora Geditana (1764)*, Beatriz usou o termo Anti-modista para se referir aos cidadãos que ainda viviam atrelados ao passado, mostrando assim sua defesa ao movimento:

Yo quisiera preguntar á estos ignorantes Anti-Modistas, ¿Como quieren que se vistan todos aquellos que por su nacimiento, empleo y circunstancias deben componer la más racional parte de la Sociedad? Si vieran estos mismos que un genio extraño, atrincherado con la necia defensa de à lo Español antiguo saliese a la calle con su bigote a terciá, su ferreruelo, sus calzas acuchilladas, sus medias de pelo y zapatillas con lazo ò rofetas por hevillas, y un sombrerillo como un cubilete, qué dirían? Les parecía bien aquella ridiculez? Estoy en que no. (Cienfuegos, 1764, p. 21).

Esta defesa de uma moda nacional foi logo crescendo em território espanhol, dando vez na segunda metade do século ao surgimento do *majismo*, movimento cultural dos cidadãos da corte que não queriam seguir vestindo as modas espanholas de outros séculos, mas também não desejavam aderir aos trajes franceses em ascensão.

O *majismo* foi no princípio um movimento de contracultura a toda aquela moda elitizada oriunda das classes abastadas que não propunham nenhuma originalidade e apenas imitavam o que se usava na França. Ele foi um movimento que surgiu nas classes mais baixas de Madrid, onde os *majos* e *majas*⁴ exaltavam a nacionalidade espanhola acima de tudo. Mas não demorou que este movimento fosse seguido por certas celebridades da nobreza.⁵ A famosa Duquesa de Alba foi a maior representante deste movimento, sendo retratada pelo pintor Goya em mais de uma ocasião, enaltecendo o *majismo* como grande celebridade que ela era até então na corte. Famoso é o quadro *La maja vestida* que celebra este grande movimento de enaltecimento hispânico frente às modas francesas.

⁴ Assim eram denominados os que seguiam a moda do *majismo*.

⁵ Segundo Sousa Congosto: “Frente al galicismo del traje del petimetre aparece, especialmente durante el reinado de Carlos IV, la reacción del traje majo, el propio de las clases populares, que utilizarán ciertos personajes de las clases altas, especialmente en ocasiones como la asistencia a las corridas de toros. (Souza Congosto, 2007, p.170-171).

Algo que havia em comum entre a *petimetria*⁶ e o *majismo* foi o fato de a mulher ser exaltada como pessoa que tinha livre arbítrio de ser cortejada por um amante, vestir-se da maneira que quisesse e vivesse a vida social de forma intensa, aparecendo em tertulias e bailes (chamados de *contradanzas* e *minués*). Este poderio feminino foi denominado *marcialidad*, termo surgido na segunda metade do século e que também foi motivo de ira de muitos escritores conservadores.

Luis de Eijoecente, em uma obra sua chamada *Libro del agrado*, “*a los señoritos de ambos os sexos*” (1785), mostra com sarcasmo dicas de moda e etiqueta tanto para as mulheres *marciais*⁷ como para os homens, que segundo ele, eram afeminados por seguirem as modas de igual modo que as mulheres.

Como variante do termo moda, logo surgiu o termo ‘modista’, que teve uma interessante evolução no seu primeiro século de existência. Em um primeiro momento, o *Diccionario de Autoridades*, primeira versão do dicionário da *Real Academia Española*, definiu o termo modista em 1734 da seguinte forma: “*el que observa y sigue demasiadamente las modas.*” Já na edição de 1803 do mesmo Dicionário, agora definitivamente chamado *Diccionario de la Real Academia*, passou a defini-lo como “*El que hace las modas o tiene tienda de ellas*”.

Veamos nestas citações abaixo, onde as duas primeiras se referem ao termo Modista como aquele que seguia às modas e na terceira, com o significado de quem produzia ou vendia roupas:

“Piensan Vms. Señoras mías (y piensan mal) que no se los dará propiamente el nombre de damas, de petimetras, y de modistas, si no acompañan todas estas cosas, con un modo de prestarse en las visitas, en los paseos, etc.” (La pensadora gaditana, 1764, p. 26).

“Yo quiero que esté parada. Vos no podéis obligarme a ser modista en mi casa.” (Bazo, 1762, manuscrito).

“No obstante algunas Damas, que pagan á la Modista la hechura de una bata seis, siete, ú mas veces, reformando la antigua, por andar siempre á la moda.” (Eijoecente, 1785, p.143).

⁶ Substantivo oriundo do adjetivo *petimetre*, também muito usado no léxico espanhol do século XVIII

⁷ *Marciais* eram as mulheres que seguiam a moda da *marcialidad*.

Conclusões

O século XVIII espanhol mostra através de sua história e por meio de muitos arquivos impressos e manuscritos a documentação de muitos neologismos como o termo moda e sua variante modista. Envoltos em textos amplamente satíricos, o termo moda e sua variante modista, estiveram em um primeiro momento em escritos de matiz mais séria, enquanto na segunda metade do século vieram em textos de vários matizes textuais desde as mais sérias até as mais burlescas. A moralidade de cunho religioso predominou nos textos mais sérios de autoria de autores como Padre Feijóo e Calderón Altamirano, onde enfatizavam que a moda era algo demoníaco e de homens afeminados.

O Padre Feijóo, simpatizante das ideias liberais e progressistas francesas, até parecia oscilar entre defender e criticar severamente as modas vindas daquele país, já que em textos seus pendia por primeiro defender e logo depois condenar o movimento das novas modas. É possível, que como religioso daquela Espanha tradicional, ele sofresse certa pressão para censurar o que a Igreja condenava e por isto havia esta oscilação entre defender-condenar o mesmo movimento.

A segunda metade do século, como vimos, trouxe no plano ensaístico nomes como Clavijo Fajardo e Beatriz Cienfuegos, conhecidos como *El Pensador* e *La Pensadora Gaditana* respectivamente. A filosofia e o gênero ensaio estiveram muito em alta durante a centúria e muitos autores que se autodenominavam ‘Pensadores’ eram os encarregados de opinar sobre assuntos relevantes para a sociedade de outrora. Entre estes assuntos, estava o da moda de vestimentas francesas, que era vista como a culpada de rebaixar a cultura e tradição espanhola predominante em todo o mundo até o século anterior.

Mas foi na sátira de estilo burlesco surgida em textos a partir da década setenta do século em que mais pudemos encontrar o termo moda e sua variante modista. No teatro, em representações muito de moda na época chamadas sainetes, Ramón de la Cruz soube mais do que ninguém explorar o tema através dos personagens seguidores das modas que eram os petimetres e petimetas.

Eijoeccente, já quase no final do século, também soube ironizar de forma cômica todas as novas modas surgidas naquele momento, que passariam a ser seguidas por não mais

*petimetres e petimetas e sim currutacos e currutacas. A variedade de nomes dados aos cidadãos seguidores das modas no século dezoito foi também uma constante, sendo que Oliveira (2012) traz uma boa recopilação destes termos na sua tese *El léxico relativo a los tipos, usos y trajes en la literatura española del siglo XVIII*.*

É interessante observar também como o termo modista foi variando de significado durante o mesmo século, onde passou de ser a pessoa “que seguia” para aquela que “fabricava ou vendia” as modas. A alegoria usada nos sainetes, onde ‘Moda’ era um personagem de características humanas, foi reproduzida em quase uma dezena de obras teatrais já no início da segunda metade do século.

Para finalizar, todos estes textos também estavam imersos em um contexto de oposição e crítica ao aparente feminismo daquela época. Como já falamos, era moda praticar também a *marcialidad* e o *cortejo*, movimentos em que a mulher era exaltada por homens que não fossem os seus maridos. A figura do homem casado passou a ser burlada enquanto a da mulher era mostrada como alguém que tinha amplo poder naquela sociedade. Não podemos deixar de enfatizar que estas modas de comportamento se deram na corte espanhola, precisamente na cidade de Madrid, já que no resto da Espanha a tradição e costumes espanhóis mais castiços não permitiram a “degradação” dos costumes espanhóis tão cultuados nos *Séculos de Ouro* daquele país.

Referências

- ALVAREZ DE MIRANDA, Pedro. *Palabras e ideas: El léxico de la Ilustración temprana en España. (1680-1760)*. Madrid: Imprenta Aguirre, 1992.
- BAZO, Antonio. *El Tribunal de la moda*. [Manuscrito], 1762.
- CALDERÓN ALTAMIRANO CHAVES, Francisco. *Opúsculos de oro, virtudes morales christianas*. Madrid: Juan García Infançon, 1707.
- CIENFUEGOS, Beatriz. *La Pensadora Gaditana*. Tomos I, II, III y IV. Madrid / Cadiz: Editores Francisco Javier García / Manuel Espinosa de los Monteros, 1763-1764.
- CRUZ, Ramón de la. *La Tertulia de moda*. [Manuscrito], 1775.
- EIJOECENTE, Luís. *Libro del agrado, impreso por la virtud en la imprenta del gusto, á la moda, y al ayre del presente siglo*. Madrid: Joachin Ibarra, 1785.

FAJARDO, José Clavijo. *El Tribunal de las Damas*. Madrid: Editor Joseph Francisco Martínez Abad, 1755.

FAJARDO, José Clavijo. *El Pensador*. Tomos I-VI. Madrid: Joachin Ibarra, 1762-1767.

FAJARDO, José Clavijo. *Pragmática del Zelo y Desagravio de las Damas*. Madrid: En la imprenta de los Herederos de D. Agustín de Gordejuela, 1755.

FEIJÓO, Benito Jerónimo. *Teatro Crítico Universal*. Tomo I y II. Madrid: Herederos de Francisco del Hierro, 1729.

IGLESIAS, María Carmen. *Nobleza y sociedad en la España Moderna II*. Oviedo: Editorial Nobel, 1997.

IZA ZAMÁCOLA, Juan Antonio. *Elementos de la Ciencia Contradanzaria para que los Currutacos, Pirracas, y Madamitas del Nuevo Cuño puedan aprender por principios á baylar las contradanzas*. Madrid: Imprenta de Fermín Villalpando, 1796.

MARTÍN GAITE, Carmen. *Usos Amorosos del dieciocho en España*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1987.

OLIVEIRA, Márcia Rejane. *El léxico relativo a los tipos, usos y trajes en la literatura española del siglo XVIII*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2012 .

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la Lengua Castellana*. (Diccionario de Autoridades). Madrid: 1726-1739.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la Lengua Castellana compuesto por la Real Academia Española*. Madrid: 1780-1803.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario la Lengua Castellana por la Real Academia Española*. Madrid: 1817-1914.

ROSALES, Antonio. *La Modista*. [Manuscrito], 1776.

SOUSA CONGOSTO, Francisco. *Introducción a la Historia de la indumentaria de España*. Madrid: Editorial Istmo, 2007.

VÉLEZ DE GUEVARA, Luís. *El Diablo Cojuelo*. Zaragoza: Editorial Diego Dormar, 1671.